

SENSIB4

**IVE JOURNÉE D'HISTOIRE DES SENSIBILITÉS EHESS 6 MARS
2007/IVA JORNADA DE ESTUDIOS DE HISTORIA DE LAS
SENSIBILIDADES**

Article

Daniela MARZOLA FIALHO

Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana

Resumo

A partir da análise de mapas da cidade de Porto Alegre, enfocados como produção histórica da cidade, proponho, neste trabalho, dar “visibilidade” às sensibilidades que neles afloram. Meu pressuposto é de que os mapas das cidades são produzidos como ideário de representação, registro de memória, inventário do imaginário, narrativa histórica da geografia e da paisagem urbana. Vistos, assim, como discurso, os mapas produzem as identidades do espaço urbano e suas mudanças ao longo do tempo, ao darem visibilidade a significados constituídos historicamente.

Indice

Imagens

Texto integral

A partir da análise de mapas da cidade de Porto Alegre, enfocados como produção histórica da cidade, proponho, neste trabalho, dar “visibilidade” às sensibilidades que neles afloram. Meu pressuposto é de que os mapas das cidades são produzidos como ideário de representação, registro de memória, inventário do imaginário, narrativa histórica da geografia e da paisagem urbana. Vistos, assim, como discurso¹, os mapas produzem as identidades do espaço urbano e suas mudanças ao longo do tempo, ao darem visibilidade a significados constituídos historicamente.

Como representação do mundo, a carta é uma construção imaginária que tem o poder não só de orientar e dirigir o olhar e a percepção (do real), como também de inventar a paisagem urbana que representa. Trata-se, então, de mostrar as identidades e as mudanças urbanas, ou seja, os acontecimentos que as diferentes plantas de uma cidade apresentam ao longo do tempo, situando-os em sua conjuntura histórica e em seu contexto geográfico e paisagístico (local). Em suma, responder a uma indagação: que cidades essas cartas

produzem?

Contudo, essa indagação vai na contramão do entendimento que se tem, habitualmente, do que sejam os mapas, entendimento este que permite a Teixeira², em sua “Cartografia Urbana”, fazer uma descrição dos mapas que, ainda que dominante, não ultrapassa o nível do senso comum:

“Os mapas, cartas e plantas (...) mostram os traçados urbanos de cidades ou de partes de cidades (entendendo-se aqui por cidade qualquer núcleo urbano independentemente do seu tamanho). Através destas cartas, podemos observar o traçado das cidades, a natureza dos seus espaços urbanos, a estrutura de quarteirão e a estrutura de loteamento, a localização de edifícios e de funções, bem como observar as características físicas do sítio e as suas relações com o território”.

A descrição que Harley³ faz dessa forma usual de entender o que sejam os mapas é bem mais competente e crítica, ao mostrar o modo como ela se constituiu na história da cultura ocidental, estabelecendo-se como a forma correta e científica de definir a cartografia urbana. Diz ele:

“A percepção usual da natureza dos mapas é de que eles são um espelho, uma representação gráfica de algum aspecto do mundo real. A definição encontrada em vários dicionários e glossários de cartografia confirma esta visão. Dentro das restrições da técnica de pesquisa, da habilidade do cartógrafo e do código dos signos convencionais, o papel dos mapas é apresentar um depoimento factual acerca da realidade geográfica. (...). Na nossa cultura ocidental, pelo menos desde o Iluminismo, a cartografia tem sido definida como ciência factual. A premissa é de que o mapa deve oferecer uma janela transparente sobre o mundo. Um bom mapa é um mapa acurado”.

A partir dessa colocação, o autor pergunta: “Há, por ventura, uma resposta alternativa à questão ‘o que é um mapa?’”, Harley⁴ responde que, “para os historiadores, uma definição apropriada seria a de que um mapa é uma construção social do mundo expressa por meio da cartografia”. Assim, longe de ser um simples “espelho” da natureza, “uma representação de algum aspecto do mundo real”, os mapas, para Harley, “reescrevem o mundo – como nenhum outro documento – em termos de relações de poder e de práticas culturais, preferências e prioridades”. Em outras palavras, diz ele: “O que vemos num mapa é tanto uma relação com um mundo social invisível e uma ideologia quanto uma relação com os fenômenos vistos e medidos na natureza”. Assim, os mapas mostrariam sempre “muito mais do que uma soma de um conjunto de técnicas”. É precisamente este entendimento que lhe permite dizer que “a aparente duplicidade dos mapas – sua qualidade de escorregadio – não é um desvio idiossincrático de um ilusório mapa perfeito. Pelo contrário, [essa duplicidade] está no coração da representação cartográfica”. É ao que ele diz a mais do que aquilo que aparentemente diz, que é preciso dar visibilidade num trabalho historiográfico.

Ao longo do tempo, os mapas das cidades mostraram suas ruas, seus prédios, Igrejas, pontes, seu espaço abrangente, seus limites geográficos e políticos. Suas culturas urbanas foram, assim, modeladas, formatadas pelo modo como o espaço foi organizado. E foi a cartografia, como uma gramática do espaço, que ordenou, classificou, normatizou e organizou o espaço urbano, de acordo com regulações cartográficas definidas historicamente, isto é, de acordo com as regras dominantes em determinado tempo e lugar. Por isso a cartografia, aqui, é vista como um dispositivo criado para produzir efeitos específicos e por isso, também, este estudo pretende indagar não “o que ela é” ou “o que ela significa”, mas como ela faz o que faz, ou seja, como ela funciona como uma

prática política e cultural.

Porto Alegre, cidade situada no extremo sul do Brasil, foi fundada oficialmente em 26 de março de 1772. No entanto, o primeiro mapa que temos da cidade data de 1833. Seu traçado inicial feito em 1772 pelo Capitão Alexandre José Montanha, na região desapropriada da Sesmaria de Santana pertencente inicialmente a Jerônimo de Ornelas⁵, nunca foi encontrado. Em 1940, o historiador Tupi Caldas elaborou um esboço do que teria sido esse traçado⁶ (Fig.1). A prova que se tem dessa demarcação é um documento datado de 12 de julho de 1772, no qual o Capitão Montanha foi convocado pelo Governador, para demarcar as meias datas para os casais moradores do Porto de São Francisco, deixando suficiente terreno para a nova freguesia⁷. Um ano após, em 1773, o Governador José Marcelino de Figueiredo transfere a Capital da província Rio-grandense para Porto Alegre, por ordem do Vice-Rei. Apesar disso, Porto Alegre só será transformada em vila em 1810, o que lhe abre o caminho para uma autonomia progressiva.

Logo após a independência do Brasil em 1822, uma carta Imperial datada de 14 de novembro do mesmo ano, eleva Porto Alegre à categoria de cidade. Em 1825, tem-se notícia da realização de uma planta topográfica para o ordenamento de sua ocupação feita por José Pedro César; Segundo Macedo⁸, “a planta foi entregue à câmara em 29 de outubro de 1825 para controlar a ocupação dos terrenos de marinha e para fornecer os alinhamentos”. Dessa planta não se conhece nem o original, nem cópias.

Como é sabido, a cartografia das cidades emerge, na história, ligada à necessidade de delimitar, conhecer e governar o território urbano. As notícias que se tem dos primeiros mapas de Porto Alegre mostram que eles respondiam a essa necessidade.

Data de 1833 a primeira planta existente da cidade (Fig.2). Trata-se de uma planta feita por Tito Livio Zambecari, um liberal italiano que veio se incorporar às tropas revolucionárias farroupilhas⁹ que lutavam contra o Império. Ele é considerado o idealizador da bandeira e do emblema da República Rio-Grandense, proclamada pelos revoltosos durante o conflito. Zambecari dedicava-se aos estudos de geografia e história natural, sendo de sua autoria um mapa geral do Rio Grande do Sul e esta primeira planta de Porto Alegre.

Nessa planta, a “península”, onde se localiza a cidade, está desenhada fora dos preceitos científicos cartográficos da época, que fariam dela uma planta acurada, não havendo inclusive a indicação do Norte. Nela estão destacadas algumas ruas da cidade, as praças, os prédios principais e alguns acessos importantes. Além disso, Zambecari aponta os locais de moradia de alguns habitantes da cidade. Tudo isso faz dessa planta um instrumento útil no caso de um confronto militar, na medida mesma em que o que ela mostra são os lugares importantes para uma possível batalha – acessos, localização de quartéis e de pessoas importantes. É claro que se sua função fosse outra, outros locais estariam em evidência na planta. Ou seja: ela seria outra planta.

Os mapas são, portanto, uma maneira de olhar o mundo, são pontos de vista, leituras interessadas do mundo. Como tais, impõem seu discurso de verdade em relações de poder e funcionam como um dispositivo de governo. Estes são temas de discussão dos conteúdos e objetivos de um mapa, da dimensão ideológica da cartografia. Segundo Harley, “isto é concernente ao diálogo que surge da supressão intencional ou não intencional do conhecimento nos mapas. É baseado numa teoria do silêncio cartográfico”¹⁰. Daí Turchi afirmar que “os mapas são definidos pelo que eles incluem, mas seguidamente eles são mais reveladores no que eles excluem”¹¹. Assim, para pensar o

mapa de Zambecari no contexto de sua luta política, o que ele inclui (espaços, acessos, pessoas) e o que exclui (a forma correta da península) de certa forma nos elucidam quanto aos seus objetivos. Esta questão também transparece fortemente no segundo mapa existente de Porto Alegre.

A segunda planta data de 1837 (Fig. 3) e foi feita no Rio de Janeiro:

Essa planta que conhecemos parece ter sido calcada sobre o original de José Pedro César e executada pelo Império do Brasil, demonstrando o ‘entrancheiramento’ que lhe tem servido de defesa desde o memorável dia 15 de junho de 1837, em que foi verificada a reação legal, movida por motivo de comoção da Província, que teve início nesta mesma cidade em 20 de setembro de 1835.¹²

Parece evidente que o interesse do Império em mandar fazer uma planta da cidade com a demarcação das muralhas, durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), prende-se à necessidade de auxiliar as forças legalistas a manter suas posições na cidade. Esta planta é desenhada com o sudeste para cima.

“Outra planta muito semelhante, apenas com alteração no traçado das fortificações, é datada de 02 de dezembro de 1839”¹³ (Fig. 4). Nesta planta, como na de 1837, a península, suas ruas -- com indicação dos nomes --, os volumes edificados e as muralhas aparecem. Os locais mais importantes estão numerados e indicados na planta. Aparecem espaços e prédios como o Palácio do Governo, a Praça da Matriz, a Ponte do Riacho, Igrejas, o Arsenal da Marinha, Praça do Paraíso, Praça da Alfândega, etc.. Fora das muralhas, indicam-se alguns caminhos, uma zona demarcada que posteriormente se tornaria o atual Parque Farroupilha e núcleos habitados. Ela está desenhada com o Norte para cima, que é a convenção geográfica atual. Popularmente, entre as plantas existentes da cidade, a mais conhecida entre as mais antigas é este trabalho de L. P. Dias, que se distingue por oferecer as primeiras vistas da cidade: uma de leste e outra do oeste da península. Esta vistas têm a ver com a tradição apontada por Lucia Nuti acerca da “combinação das duas ‘pingendi rationes’ – ‘geométrica’ e ‘perspectiva’”¹⁴, isto é, a relação entre “o abstrato e o concreto, o matemático e o visual, o exato e o *lifelike*, estabelecido pela distinção ptolomaica que está na base da cultura geográfica da Renascença”¹⁵.

O mapa de 1839, ao conter a planta (técnica) e as duas vistas (visão), contempla, em certa medida, essa tradição e o que a autora chama de uma “procura de uma imagem totalizante da cidade”, onde se tenta chegar a um equilíbrio entre essas tendências. Nesse mapa, “os mundos separados da visão e da abstração estão combinados. A cidade do olho e a cidade do instrumento de medição aparecem juntas uma da outra na mesma folha”¹⁶. A planta de 1839, por estar concebida em conjunto com duas representações panorâmicas da cidade, se constitui também numa peça de transição entre a representação cartográfica e a representação pictórica de Porto Alegre. Estas duas imagens nos dão noção do perfil da península, com suas elevações: a vista de leste mostra bem o ‘entrancheiramento’ existente; a vista de oeste mostra a cidade vista do rio, com vários barcos aparecendo na cena. Também nesta última vista, pode-se ver o entrancheiramento e a existência, para além dele, de poucos prédios, constituindo uma cidade que se desenvolveu, principalmente, dentro da linha formada pelas fortificações.

O ano de 1845 marca o fim da Guerra dos Farrapos e também a derrubada, por ordem do Conde de Caxias, das fortificações, com o claro sentido de fazer sentir à província a sua integração definitiva ao Império. O fim das fortificações é um discurso que diz que não há mais supostos inimigos de quem se defender e que produz, como efeito, a ampliação dos limites urbanos de Porto Alegre.

A planta seguinte da cidade data de 1868 (Fig. 5): é uma ilustração na folha que contém a Carta Topográfica da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nela, não constam os limites urbanos ampliados a não ser os da península. Seu desenho foi elaborado numa escala um pouco maior e centrado exclusivamente na península, com o Norte seguindo as convenções geográficas. Junto a essa planta também aparece uma vista da cidade, neste caso a vista do Oeste. A costa norte da península encontra-se modificada. Aparece um novo traçado que mostra o aterro que configurou a Rua Nova da Praia (que nessa planta já se chama Sete de Setembro). Essa obra durou quase 15 anos, entre 1845 e 1860, desde a Praça da Harmonia até o Largo do Mercado. A Praça da Alfândega, nesta planta, não sofreu grandes alterações. Já a região da Praça XV, além do aterro da rua Sete de Setembro, mostra a projeção de um espaço mais largo onde foi construído o 2º Mercado Público da cidade. Consta dessa planta a indicação do antigo mercado público (com a inscrição “a ser demolido”), no local onde hoje se situa a atual Praça XV. Como se vê, terminada a Guerra, os limites urbanos não demoraram a ser ampliados.

Na planta de 1868, tem-se, também, uma figura de transição, a partir de uma vista panorâmica da cidade. A paisagem aqui privilegiada é a do rio, com a península na sua face mais povoada e uma vista da zona onde se situa o porto. O ângulo de visão é o do espectador que estivesse chegando à cidade pelo porto, tal como a maioria dos forasteiros chegava. Este tipo de visão tem a ver com o papel da navegação, nesses tempos, como principal meio de transporte. A imagem se relaciona também com as práticas dos navegadores ingleses que, segundo Luciana de Lima Martins, ajudaram “a formar a geografia do mar britânica” ao “tornar esse ‘outro mundo’ visível e acima de tudo reconhecível para os navegadores e hidrógrafos britânicos”¹⁷. Ela se refere ao fato de que, para a marinha inglesa, “por razões práticas de navegação, a descrição das linhas de costa através do desenho era considerado superior a qualquer relato escrito”¹⁸. Conforme esta autora, a importância desse tipo de descrição foi enfatizada em tratados do século XVIII; foi também apoiada por pessoas importantes da época e por ações, através do treinamento dos marinheiros na prática do desenho, em escolas especializadas na arte da navegação. Como ela própria afirma, “essa prática de desenho associada com a navegação favoreceu a produção de um número de imagens gráficas que ultrapassavam a mera provisão de informação náutica e hidrográfica”¹⁹.

Em 1881, uma planta de Porto Alegre foi elaborada pelo Engenheiro Henrique Breton (Fig.6). Nela, a zona do atual Parque Farroupilha, que em mapas anteriores era designada como várzea, aparece com a designação de Campo do Bom Fim, aparecendo, no seu extremo, a Escola Militar, cuja construção se iniciou em 1872. Projetado para ser um quartel, o prédio foi destinado a uma escola com internato em 1880, pelo marechal Câmara, então ministro da guerra. Na faixa norte da Península, alguns pequenos aterros avançados, ao longo da rua Sete de Setembro. Este mapa foi desenhado quase que invertido, a parte sul da península está para cima no desenho, fugindo à convenção de que o Norte é que deveria aí estar situado. E a não ser pelo fato de aparecer uma parcela maior da cidade, esta planta não tem maiores alterações em relação a de 1869.

Às vésperas da República, em 1888, o Capitão de Artilharia e Engenheiro Militar João Cândido Jacques elabora uma planta compreendendo a cidade de Porto Alegre e seus arraiais (Fig. 7). Esta planta também não obedece à convenção do Norte para cima. Ela mostra bem, pela sua amplitude, a expansão em forma de leque da cidade de Porto Alegre. O Campo do Bonfim aparece agora designado por Campo da Redenção, devido à libertação dos escravos que, em Porto Alegre, se deu em 1884. Aparecem no mapa os Arraiais do Menino Deus, de São Miguel, de São Manoel e o do Parthenon –núcleos do que viriam a ser esse bairros de Porto Alegre.

A planta da cidade publicada em 1914 assumiu um papel diverso das que mencionei até

agora. Nesse ano, o eng. João Moreira Maciel elaborou o seu ‘Plano de Melhoramentos’, um estudo para um vir-a-ser da cidade e essa planta é a projeção cartográfica de suas idéias (Fig.8). Em seu plano, foram feitas sugestões para uma cidade possível, algumas das quais foram prontamente adotadas, outras vêm sendo, desde então, incorporadas no dia a dia da cidade e outras ainda foram simplesmente esquecidas. Neste plano, Maciel deu a idéia da abertura da Borges de Medeiros, previu a Av. Farrapos (aberta em 1940), fez estudos para um tratamento da área do Parque da Redenção (que começou a ser tratado paisagisticamente com a exposição de 1935, e que só foi concluído por volta de 1940). Este plano faz-me lembrar Ítalo Calvino²⁰ quando se refere a Fedora e fala do que contém as esferas de vidro: “dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para uma outra Fedora. São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou outra, não tivesse se tornado o que é atualmente” (p.32).

A cartografia de Porto Alegre, ao longo do século XIX mostra a caracterização paisagística da localização da cidade, referida aos seus elementos geográficos essenciais: o espigão, a península e o porto. Dá conta também da estrutura edificada, destacando os prédios mais importantes do ponto de vista político, religioso e administrativo.

Christian Jacob afirma que:

“O mapa é, deste modo, uma interface. Por um lado, um objeto simbólico que gera um sentimento de reconhecimento e de pertencimento entre os que dominam os códigos e, por outro lado, uma tela sobre a qual se projeta a enciclopédia de uma sociedade, sua visão de mundo, sua memória sua axiologia e sua própria organização”²¹.

É, pois, dessas diversas enciclopédias sociais que os mapas existentes da cidade de Porto Alegre, aqui comentados, mostram um panorama. Estes panoramas tem cada um a sua própria sensibilidade.

IMAGENS

Fig. 1 – Mapa de 1772 – Reconstituição do croqui imaginado pelo historiador Tupi Caldas do traçado de Porto Alegre feito em 1772 (em vermelho e preto). Fonte: Desenho de Daniela Marzola Fialho.



Fig. 2 – Mapa de Porto Alegre 1833 - Tito Livio Zambecari. Original no Museo Del Risorgimento, Bologna, Itália. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre, 2006. Cópias Digitais.



Fig. 3 – Mapa de Porto Alegre 1837, Capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul – Anonyme – Original na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre, 2006. Cópias Digitais.



Fig. 4 – Mapa de Porto Alegre 1839 – L. P. Dias. Original na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre., 2006. Cópias Digitais.

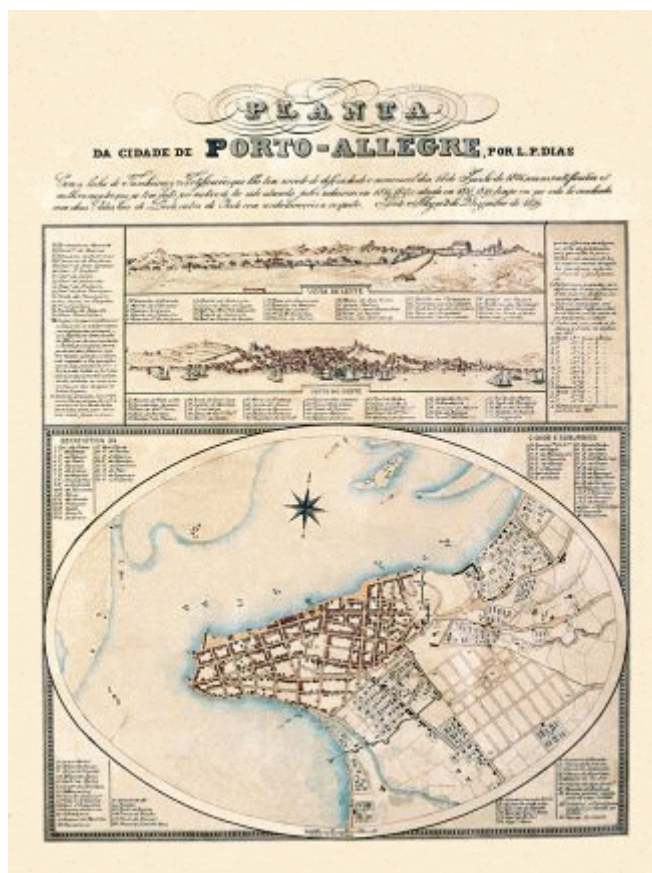


Fig. 5 – Mapa de Porto Alegre 1868 – Antônio Eleutherio de Camargo. Original no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Fonte:

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre, 2006. Cópias Digitais.



Fig. 6 – Mapa de Porto Alegre 1881 – Henrique Breton. Original no Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho, Porto Alegre, Brasil. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre., 2006. Cópias Digitais.



Fig. 7 – Mapa de Porto Alegre 1888 – João Cândido Jacques. Original no Instituto

Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre., 2006. Cópias Digitais.

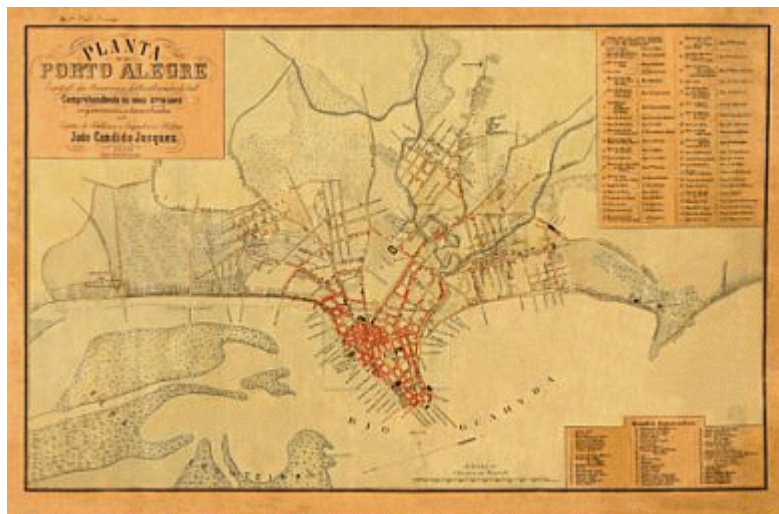
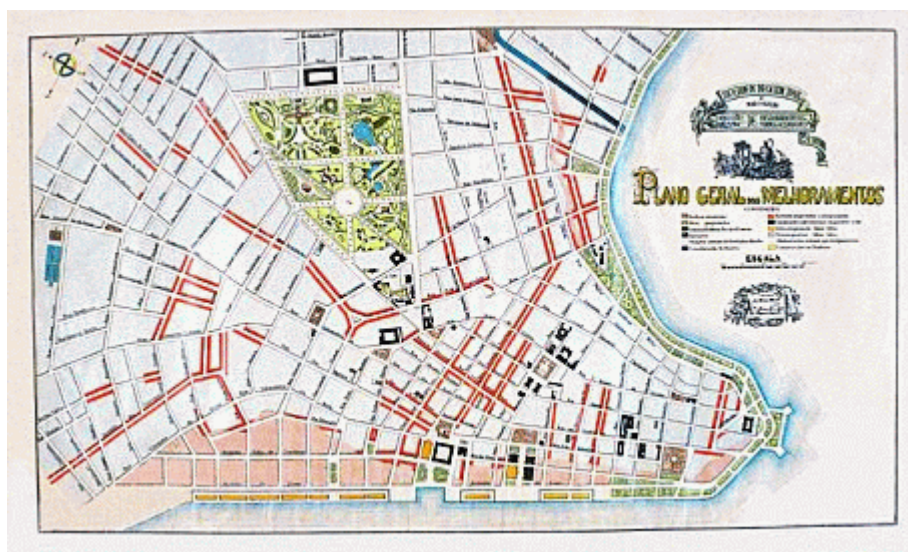


Fig. 8 – Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre 1914 – João Moreira Maciel. Original no Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho, Porto Alegre, Brasil. Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – CD - Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre, 2006. Cópias Digitais.



Bibliografía

Calvino, Italo. Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. .

Foucault, Michel. A Arqueologia do Saber. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Harley, J. B. Text and Context in the interpretation of early maps. In: BUISSERET, David(ed.). From Sea Charts to Satellite Images – Interpreting North American History

through Maps. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

Harley, J.B. Silences and Secrecy. The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe. In: HARLEY, J.B. The New Nature of Maps. Essays in the History of Cartography. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.

Jacob, Christian. Quand les cartes réfléchissent. In: Espaces Temps Les Cahiers, nº 62-63, 1996.

Macedo, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

Martins, Luciana de Lima. Mapping Tropical Waters: British Views and Visions of Rio de Janeiro. In: COSGROVE, Denis (Ed.). Mappings. London: Reaktion Books, 1999.

Nuti, Lucia. Mapping Places. In: COSGROVE, Denis (Ed.). Mappings. London: Reaktion Books, 1999.

Oliveira, Clóvis Silveira de. Porto Alegre: a cidade e a sua formação. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1993.

Pesavento, Sandra J. Historia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

Souza, Célia Ferraz de & MÜLLER, Dóris. Porto Alegre e sua evolução urbana. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1997.

Teixeira, Manuel C. A cartografia no estudo da história urbana. In: Urbanismo2 de Origem Portuguesa, Setembro de 2000. Revista Virtual existente na página <http://urban.iscte.pt/revista/default.htm>

Turchi, Peter. Maps of the Imagination: the writer as cartographer. San Antonio: Trinity University Press, 2004.

Notas a pie de página

1 Foucault, M. Arqueologia do saber. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987

2 Teixeira, Manuel C. A cartografia no estudo da história urbana. In: Urbanismo2 de Origem Portuguesa, Setembro de 2000. Revista Virtual existente na página <http://urban.iscte.pt/revista/default.htm>

3 Harley, J. B. Text and Context in the interpretation of early maps. In: Buisseret, David (ed.). From Sea Charts to Satellite Images – Interpreting North American History through Maps. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. p.3-4.

4 Harley, 1990, op.cit., p. 4.

5 Antes de ser desapropriada, ela foi vendida para Inácio Francisco de Melo

6 Cf. Macedo, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p.27.

7 Cf. Oliveira, Clóvis Silveira de. Porto Alegre: a cidade e a sua formação. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1993. p.51.

8 Macedo, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p.51.

9 A regência que sucedeu a abdicação de D. Pedro I, em 1831, não atendia aos anseios dos rio-grandenses. A insatisfação fez eclodir a Revolução Farroupilha em 20 de setembro de 1835, quando Onofre Pires e Gomes Jardim invadiram a cidade pela Ponte D'Azenha e, liderados por Bento Gonçalves, depuseram o Presidente da Província Fernandes Braga, empossando no cargo o Vice-Presidente Marciano Ribeiro. Os revolucionários, dos quais fazia parte Livio Zambecari, mantiveram a posse da Capital até 15 de junho de 1837, quando ela foi retomada

10 Harley, J. B. Silences and Secrecy. The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe. In: HARLEY, J. B. The New Nature of Maps. Essays in the History of Cartography. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001. p.85.

11 Turchi, Peter. Maps of the imagination. The writer as a cartographer. San Antonio: Trinity University Press, 2004. p.29

12 Macedo, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, p.59

13 Idem. p.59.

14 Nuti, Lucia. Mapping Places: corography and vision in the Reanissance. In: Cosgrove, Denis(ed.) Mappings. London: Reaktion Books, 2002. p.94.

15 Idem, p.108.

16 Ibidem, p.105.

17 Martins, Luciana de Lima. Mapping Tropical Waters. In: Cosgrove, Denis(ed.) Mappings. London: Reaktion Books, 2002. p.149.

18 Idem, p.153

19 Ibidem, p.159.

20 Calvino, Italo. Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras,1990. p. 32.

21 Jacob, Christian. Quand les cartes réfléchissent. In: Espaces Temps Les Cahiers, n° 62-63, 1996. p.37.

Para citar este artículo

Daniela Marzola Fialho, « Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 7 - 2007, mis en ligne le 12 mars 2007, référence du 20 décembre 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document3698.html>.

Acerca de : Daniela MARZOLA FIALHO

Professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – Brasil e Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Historia da UFRGS sob a orientação da Profa. Sandra Jatahy Pesavento. Esta comunicação foi feita graças ao apoio da CAPES para um doutorado sanduíche na EHESS em Paris.

:: index

- Par auteurs
- Par mots clés

- :: nuevo mundo mundos nuevos
- Número 7 - 2007
- Número 6 - 2006
- Número 5 - 2005
- Número 4 - 2004
- Número 3 - 2003
- Número 2 - 2002
- Número 1 - 2001
- Optika
- BAC
- Guía del investigador americanista
-
- :: presentación
- Presentación
- Normas
- Redacción
- Enlaces

:: para suscribirse

La lista de difusión de Nuevo Mundo

votre courriel / su mail 



:: referenciada por  :: editada por

L'ECOLE
DES HAUTES
ETUDES EN
SCIENCES
SOCIALES 

Numéro ISSN
1626-0252

Lodel (accès réservé)

La lettre de Revue.org

votre courriel / su mail 

rechercher / buscar 